

Uma Flor, Uma Pena, Um Vestido

Sob o som metálico da colher de pedreiro, o último tijolo foi assentado, encerrando-se assim mais um ciclo. Definitivamente, uma vida chegara ao seu final. As pessoas saíram lentamente do cemitério, no mesmo infinito silêncio que dominou o ritual da chegada, mas com a diferença de cada qual seguir para sua casa. Um único ser não se moveu, permanecendo com o olhar baixo e fixo no gélido túmulo, na esperança de que aquele quadro não passasse de um terrível sonho, de um pesadelo.

O vento frio daquele fim de tarde de outono começou a soprar lentamente, pois o sol se despedia de maneira melancólica e não tinha mais força para aquecê-lo. A pequena Tangará, encravada no meio da serra, sentia uma dor imensa pela perda de uma de suas figuras mais queridas e não se conformava pela maneira brutal e inexplicável com que a união daquele casal adorado havia sido desfeita.

José Maria e Cristina haviam chegado à cidade cinco anos antes, durante a primavera republicana de 1889 e, vindos da capital, estranharam a paz que reinava naquele paraíso perdido. Monarquia e república eram termos que nem passavam pelos pensamentos dos moradores do lugar, muito menos, eram falados nas rodas de amigos, nas conversas dos animados finais de tarde que movimentavam a praça da igreja matriz.

Logo que chegaram, os novos moradores nem mesmo desfizeram as malas e já saíram da hospedaria à procura do hospital do lugarejo. José Maria sabia que ali não existiam médicos, pois tinha sido informado pelo seu antigo professor da faculdade de medicina, o Dr. Antunes, meses antes da decisão de partir para essa aventura. Formado no final de 1883, o Dr. Alves, como era conhecido na classe médica, o jovem José Maria Alves Amaro, já despontava com um futuro promissor, previsão feita desde o tempo de estudante, baseada no grande dom que demonstrara ao cuidar das pessoas, aliado a uma inteligência e uma percepção acima da média. Porém, a caridade, uma outra qualidade do novo médico, foi determinante para a renúncia de uma carreira brilhante e a dedicação total ao povo de um lugar esquecido, que estava marcado para ser apagado do mapa.

Cristina, enfermeira prática e, na época, recém-casada com José Maria, concordara com a decisão do marido de se mudarem para Tangará e realizarem, juntos, um trabalho humanitário, já que ninguém queria ir para um local completamente sem recursos e onde as pessoas estavam morrendo sem nenhuma assistência. Ela o amava muito e se orgulhava, principalmente, do seu grande coração.

Por sua vez, ele tinha uma admiração extrema pela sua esposa, retribuindo-lhe todo o amor dedicado e valorizando o seu ofício muito além do que as regras da sociedade da época ditavam sobre a possibilidade das mulheres trabalharem fora de casa. Na sua opinião, o fato de Cristina colaborar como voluntária no atendimento a crianças e idosos carentes proporcionava, para ela mesma, uma felicidade que poucos conseguem alcançar na vida, por isso aceitou prontamente a única condição exigida por ela para a mudança: que pudesse continuar atendendo "suas criancinhas e seus velhinhos"; afinal de contas a medicina era a vida do Dr. Alves.

Não foi difícil para o casal encontrar o hospital municipal, pois era o segundo maior prédio da cidade, só perdendo em tamanho e imponência para a igreja e sua enorme praça, que tomava todo um quarteirão. As paredes amarelas, todas descascadas, e o telhado muito danificado denunciavam a real situação de como era tratada a saúde da população local.

Não houve susto quando o Dr. Alves e a enfermeira Cristina se depararam com o que mais parecia um salão abandonado, não encontrando um único paciente, apenas o filho mais velho do coronel Enrico Braga, o qual era considerado um homem muito influente e poderoso na cidade. Juca, que fora nomeado graças ao pai, estava sentado em frente a uma escrivaninha na sala de entrada e era o administrador geral do hospital.

Não haveria mesmo condições para se tratar quem quer que seja naquele local, pois além da falta de um médico, os medicamentos eram escassos e o material mínimo necessário para uma simples consulta não existia. Naquele momento o casal percebeu o tamanho da dificuldade que teria pela frente, pois era evidente que não existia nenhum interesse, principalmente por parte dos poderosos coronéis, de que Tangará possuísse um hospital que atendesse à sua paupérrima população, na maior parte formada pelos escravos libertos que trabalhavam nas fazendas daquela região montanhosa. As famílias abastadas não tinham com o que se preocupar, pois eram atendidas, em suas próprias casas, pelo Dr. Camargo, que se deslocava da vizinha cidade de Cocal, localizada no pé da serra e que, ao contrário de Tangará, tinha uma grande perspectiva de desenvolvimento pautada na criação de gado de leite e corte, além das lavouras de café, que absorviam muita mão de obra.

Durante os cinco anos que se passaram após a sua chegada, muitas foram as batalhas que o médico e a enfermeira travaram com os donos de terras e até mesmo com a igreja, que como as demais instituições, se submetia às ordens do Coronel Enrico. José Maria e Cristina sofreram ameaças contra suas vidas e todo tipo de boicote, que ia desde

o fechamento do hospital sob alegação de mau estado de conservação até saques das carruagens que traziam medicamentos pela precária estrada de chão que unia Tangará a Cocal. Seria plenamente normal que qualquer ser humano desistisse daquela árdua missão, diante de tantos problemas, mas às custas de muito trabalho, eles foram conquistando, pouco a pouco, o povo daquele lugar.

Primeiro, as orientações sobre condições mínimas de higiene e a mudança de certos hábitos que facilitavam a proliferação de doenças, depois o ensino do preparo de remédios caseiros com o uso de plantas e raízes muito comuns na região e, por fim, a conscientização de que uma pessoa doente pode se curar com tratamento adequado, não esperando apenas a vontade de Deus, ou melhor, que as mãos dos médicos também são instrumentos da vontade de Deus. A diminuição do número de mortes em Tangará e nas fazendas da região foi o principal fator que abalou os alicerces da resistência à ajuda oferecida pelo casal, tornando-os não só aceitos, mas considerados com grande estima por todos. Os inimigos, depois de árdua guerra, se tornaram grandes amigos e não existia ninguém na cidade que não os conhecia.

Era evidente que todos compartilhavam do sofrimento que o Dr. Alves estava enfrentando, mas ele não enxergava, apesar de todo apoio recebido, uma maneira de preencher a lacuna criada em sua vida pela falta de Cristina. Estava completamente desorientado e nem mesmo conseguia entender o que tinha acontecido naquela noite. Três dias após o ocorrido, ele não havia permitido ainda que se mexesse em qualquer objeto de sua casa. Ela estava da mesma maneira que fora encontrada, por ele próprio, após o retorno de uma viagem à Fazenda Destino. Passara lá uma noite para acompanhar um antigo paciente que sofria com febres muito fortes, capazes de provocar convulsões. Imediatamente após a melhora do doente e a prescrição de mais um de seus famosos receituários, ele tomou o caminho de casa, quando o sol já tinha se posto, com a idéia de chegar ainda naquela noite. Aliás, ficar fora de casa em casos de extrema urgência, como era o caso, ou retornar tarde da noite, configuravam ações corriqueiras na vida do dedicado profissional.

Como a distância era grande, o Dr. Alves realmente só alcançou sua morada de madrugada e estranhou que a porta não estivesse trancada. Presentiu que algo horrível pudesse ter acontecido e seu coração disparou. A escuridão só fez aumentar o seu desespero e ele, acostumado a encontrar o lampião em cima da mesa, sem enxergá-lo, só a muito custo conseguiu acendê-lo, tropeçando em tanta coisa que parecia estar em outra casa. Ao mesmo tempo em que a sala lentamente se iluminava, o terror aumentava

diante da visão de um ambiente desfigurado, como se um furacão tivesse atravessado aquele espaço, desarrumando e quebrando tudo. Não conseguiu chamar por Cristina, pois estava sem voz e quase sem conseguir respirar. Em pânico, com o lampião na mão, correu para o quarto na esperança de que a sua chegada resolvesse qualquer dificuldade que sua amada ainda enfrentasse.

Era tarde! José Maria caiu de joelhos, observando incrédulo o quarto tão revirado quanto a sala. Na cama, um corpo de mulher deitado de bruços ao lado de uma grande poça de sangue no colchão. Nem era preciso iluminar mais o ambiente para ver quem estava ali, mas ele levantou-se e acendeu todos os lampiões na esperança de que a luz acabasse de vez com a impressão de que era o corpo de Cristina. Tudo em vão, pois era ela! Com uma coragem que brotou do fundo de sua alma, José Maria virou o corpo da esposa e só então percebeu o grande ferimento em seu pescoço. Cristina tinha um corte profundo na garganta. Ele tomou-a nos braços e soltou um doloroso grito que continha toda a tristeza, a indignação e a revolta que alguém poderia sentir. Sua vida parecia ter perdido todo o sentido e a vontade era de partir junto com a companheira, com quem fizera tantos planos, com quem sonhara estar junto até o fim da vida, da sua vida e não da dela. Instantaneamente, o filme de uma linda história de amor passou diante de seus olhos e, ainda carregando-a, lembrou-se da primeira vez que vira o seu doce olhar, o primeiro beijo roubado, as muitas aventuras dos encontros às escondidas, cumplicidade que se iniciara como brincadeira de juventude e se transformara num exercício diário, que solidificava mais e mais essa união. Recordou-se da cerimônia do casamento, da procura pela primeira casa, de tudo que construíram juntos até aquele momento. Viu passar diante de seus olhos, também os momentos tristes, sempre marcados pelo apoio mútuo e pela compreensão, que intensificavam uma dor que o mais trágico dos poetas não conseguiria expressar apenas por palavras. O médico responsável por salvar a vida de tantas pessoas, que por vezes nem conhecia, tinha em seus braços, sem vida, aquela que lhe era mais cara e não podia fazer nada para tê-la de volta.

Somente nesse terceiro dia sem Cristina, seus olhos se abriram e ele conseguiu retornar à realidade, percebendo que enquanto a sua vida parara no tempo, a de Tangará continuava e, independentemente da sua condição, sentiu que precisava retomar as suas atividades, pois doentes careciam do seu atendimento. Absorvido o trauma inicial, ele pôs-se de pé, porém muitas perguntas começaram a atormentar seus pensamentos e pela primeira vez sentiu a necessidade de saber o que realmente havia acontecido, qual a razão de tudo aquilo e, principalmente, quem era o responsável pelo fim de sua vida.

Diariamente, após o atendimento aos doentes, o Dr. José Maria Alves voltava para casa e, numa loucura que parecia envolver os seus sentimentos, ansiosamente mapeava cada milímetro revirado na tentativa de encontrar respostas. Após uma investigação oficial, realizada sob o seu consentimento e que aconteceria mesmo contra a sua vontade, onde nada foi encontrado, ele continuou procurando, prestando atenção em detalhes que só ele conhecia. Recolocou tudo em seu devido lugar, na esperança de que o tempo voltasse atrás, mas o seu maior medo era descobrir que, por algum motivo, a culpa fosse sua, por ação ou por omissão: era a primeira vez que pensava nessa possibilidade.

Passado um mês desde a morte de Cristina, o povo, que antes estava envolvido numa grande comoção pela perda de uma pessoa tão querida, agora levantava as mais diferentes hipóteses para o caso, que iam desde um assalto comum, um suicídio e até mesmo um relacionamento extraconjugal. Histórias essas que atormentavam cada vez mais o médico, conduzindo-o a viagens constantes, para longe da sua conhecida realidade, através de devaneios que lhe mostravam, de maneira distorcida, o relacionamento consistente e seguro que tivera com sua amada. A insanidade passou a determinar os seus passos e ele tinha que descobrir, a qualquer custo, o que havia acontecido. Se lhe dissessem que a única pessoa que poderia desvendar esse mistério fosse a própria Cristina, ele seria capaz de deixar essa vida e partir ao seu encontro, mesmo na dúvida de que o reencontro aconteceria após a morte.

Seria talvez essa, a solução derradeira para o espectro humano, que já se entregara à bebida e abandonara os cuidados com a aparência, quando alguém bateu à sua porta. Indiferente aos acontecimentos que moviam os sentimentos do médico, um senhor baixo, de idade bem avançada e com uma visão tão fraca que o impedia até mesmo de enxergar a fisionomia do seu anfitrião, pediu-lhe uma ajuda, algo para comer, qualquer coisa. Por um instante, José Maria Alves abandonou o mundo fictício que criara em torno de si, deixou de pensar em Cristina para atender aquela figura inusitada, que não lhe vinha fazer qualquer acusação ou colocar o dedo na ferida aberta, mas que parecia ser apenas um andarilho, um sofredor.

Atordado pela situação, nem sugeriu a entrada do desconhecido ou lhe ofereceu descanso, foi até a cozinha e abriu o armário onde guardava os mantimentos. De supetão, retirou todas as latas que estavam lá à procura do que oferecer àquela visita inesperada, que teimava em trazê-lo de volta à realidade. Destampando a maior delas, em que acreditava ter guardado uma porção de pão, encontrou um saco de pano, tão

grande que preenchia todo o espaço da lata. Possuía alguma coisa dentro, mas ele não conseguia se lembrar o que era, aliás, não se recordava daquele artefato e ficou paralisado, meditativo, esperando uma resposta de sua memória, que não veio. Demorou a decidir o que fazer e lembrou-se do homem que o esperava lá fora. Pegou, na próxima lata, o primeiro mantimento que achou, sem nem mesmo observar que era a porção de pão procurada, porém, quando chegou à porta, não encontrou mais ninguém, talvez demorara muito e o velho continuara o seu caminho, a sua missão.

Imediatamente, José Maria Alves Amaro retornou ao interior da casa, atraído por aquela descoberta, que passara despercebida por todas as investigações. Afinal de contas, a sala e o quarto haviam sido praticamente destruídos na noite da morte de Cristina, mas a cozinha não, estava intacta e não chamara a atenção de ninguém. Possivelmente, o que foi encontrado estivera escondido desde antes do incidente, mas a hesitação em se descobrir o que era predominava sobre a curiosidade. Os pesadelos voltaram a atormentar seus pensamentos e ele tentou adivinhar que provas estariam ali, na sua frente. Procurou lembrar, com todas as suas forças, uma única situação que indicasse qualquer deslize no relacionamento com a sua amada, mas o que via era somente a representação máxima do amor entre um homem e uma mulher. Sentiu-se traído... Como não enxergara nada, nenhum indício, nenhuma dissimulação?! Cego, realizou naquele instante o julgamento, no qual a sua memória, vazia, não servia como prova. Nem mesmo tantas noites fora de casa justificariam qualquer falta e, num conflito constante, a maldade passou a nortear as suas decisões, o veredicto foi incontestável: culpada!

Diante da decisão, rasgou decididamente o saco de pano, onde haveria, com certeza, a confirmação de tudo. Encontrou uma flor seca, uma pena sem tinta e um vestido vermelho, objetos que poderiam tanto elucidar o caso, como acrescentar mais mistério, tudo dependia da imaginação de quem os encontrasse, porém ele estava convicto. Numa transformação radical, não existia mais o homem de grande coração, o José Maria, marido amoroso que cuidava de Cristina com a mesma delicadeza que um jardineiro manuseia a sua flor. Também desaparecera o médico dedicado, o Dr. Alves, que se preocupava muito mais com a vida de pessoas, as quais nem conhecia, do que com a sua própria, configurando, conforme diziam, um instrumento de Deus quando receitava medicamentos que salvavam vidas. Restava apenas o Sr. Amaro, homem pessimista e rude, resultante da batalha ocorrida em seu coração entre o bem e o mal, e da qual o último saía vencedor, um ser que acreditava que o pecado tinha a cor do

sangue e, considerando-se realista, achava que a felicidade, embora existisse, era apenas passageira, sendo a vingança, uma das melhores formas de alcançá-la.

Uma flor seca, uma pena sem tinta, um vestido vermelho... A flor e a pena nada significavam para Amaro, que não conseguia olhar para sua própria vida, mas o vestido... Esse sim, queimava o seu coração, uma chama colocada por Cristina no fundo de sua alma e que o consumia por inteiro. Ele tinha a certeza de que aquele pedaço de tecido, da cor do fogo, era usado por ela em seus encontros amorosos e tirado nos momentos de prazer, durante a sua ausência. Claro! Naquela noite talvez ela não se preparara para o amante, que enfurecido atacou-a violentamente. Nada mais normal no relacionamento entre um homem e uma mulher que têm a coragem de se mancomunarem contra um pobre servidor dos mais humildes.

Não havia outro pensamento em Amaro a não ser o da traição. O passado fora milagrosamente apagado de sua mente e, o que ele imaginava, se tornava fato consumado. A loucura foi tomando conta do seu corpo, roubando-lhe o sono e a fome, a razão e as forças. Trancado, dentro de casa, Amaro não falou mais com ninguém. Os delírios eram exteriorizados na forma de gritos, que ouvidos ao longe, confirmavam para as outras pessoas, a dor de uma descoberta infeliz. Um pequeno corte no pulso fez aparecer o sangue, que lentamente correu sobre o braço inerte.

A flor e a pena foram deixadas de lado, num canto, pois Amaro não as enxergava mais, assim como não via mais a doçura de Cristina nem o trabalho dignificante que ele exercia. José Maria Alves Amaro perdera tudo e o seu íntimo não permitia levantar a hipótese de que a culpa fosse dele. Restava apenas o vestido, o pecado... Para ele, o destino era cruel, Cristina era cruel, o mundo era cruel. Inconscientemente Amaro estava se vingando de si mesmo, enfraquecendo e castigando seu corpo sob o pretexto da desilusão.

Não foram necessárias muitas horas para que José Maria, o Dr. Alves, o Sr. Amaro, desse seu último suspiro. Em seu semblante um leve sorriso, como que sentindo um grande alívio, quem sabe a chegada da absolvição. Da morte de Cristina, ninguém soube ao certo o verdadeiro motivo e, se alguém soube, guardou-o a sete chaves, talvez temendo contrariar o destino, que, com a colaboração de Amaro, já tinha escrito o final dessa história.

Vitor Fernandes